

O CORONEL DO CORPO REAL DE ENGENHEIROS RICARDO FRANCO DE ALMEIDA SERRA

Adauto Dias de Alencar

O Coronel Ricardo Franco de Almeida Serra nasceu na bela cidade do Porto, em Portugal, em 1748 e faleceu no Forte de Coimbra a 1º de janeiro de 1809. Seus restos mortais foram transferidos do Forte de Coimbra para Vila Bela, sendo sepultado na capela de Santo Antônio dos Militares, a 10 de agosto de 1810.

Serviu a Mato Grosso durante 27 anos. Chegou ali no princípio de 1782 para fazer parte da 3ª Comissão de Limites da fronteira com o Império colonial espanhol. Foi assim que o Capitão-General Luís de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres, comandando a 3ª Comissão de Limites de Fronteira, composta pelos engenheiros Ricardo Franco de Almeida Serra, Joaquim José Ferreira, Francisco José de Lacerda e Almeida e Antônio Pires da Silva Pontes, a 26 de junho de 1782 chegaram às cordilheiras do Grão-Pará, hoje denominada Ricardo Franco, em frente à Vila Bela da Santíssima Trindade.

Francisco José de Lacerda e Almeida e Antônio Pires da Silva Pontes foram homenageados com o município de Pontes e Lacerda, em Mato Grosso.

Foi na administração do Capitão-General Caetano Pinto de Miranda Montenegro, em 1797, que Ricardo Franco de Almeida Serra foi encarregado de reconstruir o velho Forte de Coimbra, à margem direita do Rio Paraguai. Estudando a posição do Forte, achou por bem, Ricardo Franco, erguer um novo Forte a 130 metros distante do primeiro.

Escolheu um local onde a visão para o Rio Paraguai era muito ampla e também os flancos direito e esquerdo e, também, a parte traseira ofereciam mais condições de defesa. Tais fatos iriam comprovar-se depois.

A grande ausência de víveres e armamentos foram os meios que faltaram aos comandantes de fortes de fronteiras. Ainda não totalmente concluído o Forte de Coimbra, a Espanha, que jamais se conformara com a presença de Portugal em terras brasileiras, determinou a invasão do referido Forte pelas forças comandadas por Lázaro de Ribera Espinasa, comandante-em-chefe daquela região fronteira com o Rio Paraguai.

Julgando-se senhor todo poderoso, D. Lázaro de Ribera Espinasa, enviou ao Coronel Ricardo Franco um insolente ultimato, como veremos:

Abordo de la goleta Nuestra Señora del Carmen, 17 de setiembre de 1801; ayer a la tarde tubo el honor de contestar el fuego que V. S. hizo de esse fuerte; y habiendo reconocido que las fuerzas con que voy inmediatamente a atacarlo son muy superiores a las de V. S. no puede menos de vaticinarle el ultimo infortunio; pero, como los vasallos de S. M. Católica, sabem respetar la leuer de la humanidad, aun em madio de guerra, portanto pido a V. S. se rinda a las armas del Rey mi amo, pues de lo contrario a cañon y a espada, decidiré de la suerte de Coimbra, sufriendo su desgraciada Guarniciaon todas las extremidades de la guerra, de cuyas se vera libre V. S., conueniere com mi propuesta, contestando categoricamente esta en nel término de uma hora. Ass: D. Lázaro Ribera.

O mesmo emissário que levou o insolente ultimato, levou a resposta de Ricardo Franco, nos seguintes termos:

Forte de Coimbra, 17 de setembro de 1801; tenho a honra de responder a V. Exa., categoricamente, que a desigualdade de forças foi sempre um elemento que muito animou o português a não desamparar o seu posto de defendê-lo até a última extremidade, a repelir o inimigo e sepultar-se debaixo das ruínas do forte que lhes foi confiado. Nesta solução está toda a gente deste presidio, que tem a distinta honra de ver em frente a excelsa pessoa de V. Exa., a quem Deus guarde. Ass: Ricardo Franco de Almeida Serra.

A guarnição do Forte de Coimbra compunha-se de 110 praças, um canhão pequeno de calibre "UM" e um pequeno navio, enquanto que D. Lázaro Ribera dispunha de 600 a 800 homens e canhões de calibres 4, 6 e 8, de longo alcance.

A investida de D. Lázaro contra o Forte de Coimbra foi infrutífera e diante da resolução de Ricardo Franco em resistir até às últimas conseqüências, o governador de Assunção bateu em retirada para a cidade que governava. A atitude louvável de Ricardo Franco valeu-lhe a promoção ao posto de Coronel, trezentos mil réis de tença e a comenda do hábito de São Bento de Aviz.

Era comum os fortes darem abrigo aos índios da região e os protegiam. Assim foi que uma índia Guaná foi acolhida no Forte de Coimbra, e Ricardo Franco lhe ensinou a língua portuguesa e latina. Quando atingiu 14 anos, foi tomada por esposa por Ricardo Franco, e recebeu o nome de Mariana Luiza e tiveram 2 filhos.

1 – Ricarda Manuela de Santa Rita, nascida em 1803 e falecida com 73 anos, a 23 de novembro de 1876, e sepultada no cemitério do Porto. Casou-se a 5 de junho de 1826 com Vicente Tibúrcio de Sousa. Aqui há controvérsia, pois Ricarda Manuele se casou com 20 anos, nascida, portanto, em 1806. Deste

casamento nasceram os filhos:

- a) Coronel Ricardo Franco de Almeida Serra, batizado na catedral de Cuiabá a 7 de abril de 1827, com um mês de idade;
- b) Maria, batizada na catedral de Cuiabá a 7 de abril de 1827, com um mês de idade (gêmea com Ricardo Franco);
- c) Mariana, batizada na catedral de Cuiabá a 11 de dezembro de 1831, com 5 meses;
- d) José, batizado na catedral de Cuiabá a 10 de novembro de 1833, com um mês de idade;
- e) João;
- f) Jerônimo;
- g) Emília;
- h) Vicente.

2 – Augusto Martiniano de Almeida Serra, nascido por volta de 1808, pois em 1832 peticionou ao Juiz dos Órfãos de Cuiabá, dizendo que contava com 23 anos e pedia a herança deixada por seu pai. Faleceu solteiro e sem filho, quando contava 25 anos, mais ou menos.